

tres e marítimos, levantando o problema da incidência dos corsários sôbre a navegação entre Espanha e os Países-Baixos, e mostrando o início da preponderância inglêsa e holandesa no Atlântico.

Merecem atenção especial os capítulos IV e V, que se referem às exportações e importações realizadas entre Antuérpia e a Península Ibérica: produtos agrícolas, produtos têxteis, metais e produtos metálicos, mobiliário, tapeçarias, etc., originários dos Países-Baixos e interior da Europa, contra especiarias, drogas e açúcar, produtos alimentícios, corante e alumen, algodão, lã e couros, provenientes do império colonial espanhol.

Mas, se êstes produtos constituem o grosso dos transportes e das atividades comerciais, Antuérpia não representa sômente isso, e também um poderoso mercado financeiro, uma bolsa de negócios que se ligava com feiras e bolsas estrangeiras, e que estava relacionada com os homens de negócio espanhóis e com a própria Côrte. A organização, mecanismo, hábitos e outros negócios da bolsa são estudados particularmente no capítulo VI, e inclusive as falências que se seguiram aos períodos de crise financeira.

O capítulo VIII estuda as “nações” comerciais e suas atividades em Antuérpia, destacando-se inglêses, alemães, franceses, italianos, portugueses e espanhóis; e o Apêndice descreve as principais firmas que aí operavam, bem como sua capacidade econômica, suas relações comerciais, etc.

A parte final da obra contém quadros sôbre pesos, medidas e moedas; correios, fretes, seguros e alfândegas; preços de mercadorias; alterações de câmbio e alguns “asientos”.

Os demais volumes prosseguem o estudo traçado por Vazquez de Prada sôbre Antuérpia através de cartas comerciais, e trazem, indubitavelmente, excelente contribuição para a história econômica do Atlântico no século XVI e início do XVII, sobretudo as relações entre Antuérpia e Espanha.

CARLOS AURÉLIO MOTA DE SOUZA

*

DEVÈZE (M.). — *La vie de la forêt française au XIVE siècle*. Paris. S. E. V. P. E. N. École Pratique des Hautes Études. Centre de Recherches historiques. VIe section. Coleção “Les hommes et la terre”. Tomos I e II.

A história da floresta tem uma grande importancia sob todos os pontos de vista, e particularmente para o período anterior à Revolução industrial dos séculos XVIII e XIX: a floresta, quadro natural originalmente e que pode ser então estudado sob o ângulo puramente biológico, foi largamente humanizada desde o período neolítico, e com mais razão ainda na era histórica.

O estudo que os alemães chamam de “silvático”, isto é, da evolução das essências e do reflorestamento dos nossos dias às idades geológicas, deve ser acompanhado dum estudo das relações do homem com a floresta.

Reservatório de matéria lenhosa, pronta a servir a tôdas as necessidades industriais, ou quase, a floresta foi ainda utilizada pelo homem para a sua alimentação (caça sobretudo, mas também mel, frutos selvagens, bagas de tôdas as espécies, cogumelos, etc...) e o homem serviu-se dela sobretudo como de pastagem para seus animais domésticos.

Na época do Renascimento, todos êsses usos florestais ainda subsistem, mas cada vez mais no alvorecer do capitalismo, a floresta torna-se objeto duma exploração comercial prôpriamente falando. Em França, por outro lado, a floresta, que foi durante longo tempo imensa, tornou-se menor depois de muitos debastamentos da Antiguidade à Idade Média, e salvo em algumas regiões montanhosas ou inhóspitas, ela teve desde o século XVI de levar avante um programa de salvação e conservação. Nela, como em muitos outros domínios, a realza, proprietária de muitas florestas, e sobretudo das mais belas, deu o exemplo: é a administração florestal real, que se mostrou a única à altura de defender as massas florestais ameaçadas de desapareição.

Êsse livro estuda, pois, os problemas das vicissitudes da administração florestal, a emprêsa possessória dos guardas florestais reais sôbre os domínios eclesiásticos, comerciais e mesmo senhoriais;

— problema da exploração econômica da floresta francesa (alimentação das forjas, vidrarias, estaleiros navais, abastecimento das grandes cidades em lenha, pequenos misteres da floresta, pastagem e devezas na floresta, evolução do direito de caça, etc...);

— problema da exploração metódica da floresta e do reflorestamento: é no século XVI que aparece verdadeiramente uma tentativa racional, se não científica, de valorizá-la — é o início da silvicultura).

— problema da comercialização da madeira.

Sob o ponto de vista social, enfim, êsse livro não podia esquecer as grandes questões que são a história da propriedade florestal, a história do direito do uso, do ensino e da servidão. Em particular esclarece a luta quotidiana dos grandes proprietários, sempre e cada vez mais desejosos de tirar dinheiro dos seus bosques, e das aldeias titulares de direitos de uso cujos abusos muitas vêze foram pretexto a uma restrição a êsses mesmos direitos.

A vida da floresta francesa no século XVI é, pois, uma parte não negligenciável da vida francesa durante êsse século XVI que com razão é chamado de “revolucionário”.

E. S. P.

*

VIANNA (Hélio). — **História do Brasil**. Edições Melhoramentos, 2 vols., São Paulo, 1961-1962, 674 págs.

Procedendo, na **Introdução** desta obra, a ligeiro relato sôbre o ensino da História do Brasil, em nosso país, o autor aponta-nos a grande dificuldade com que sempre lutaram os seus professôres, nos